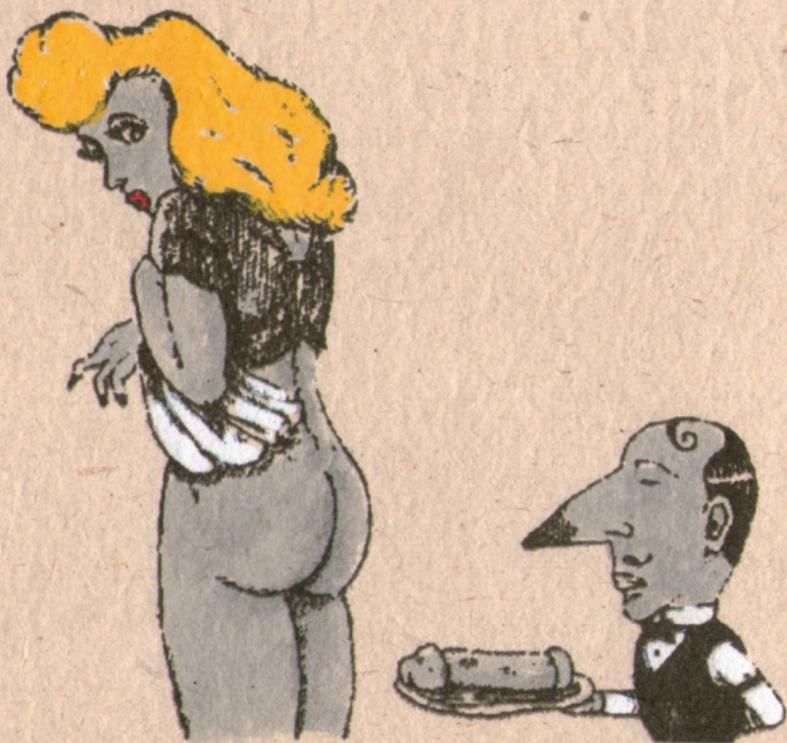


POESÍAS PORNOGRÁFICAS





POESIAS
PORNOGRÁFICAS

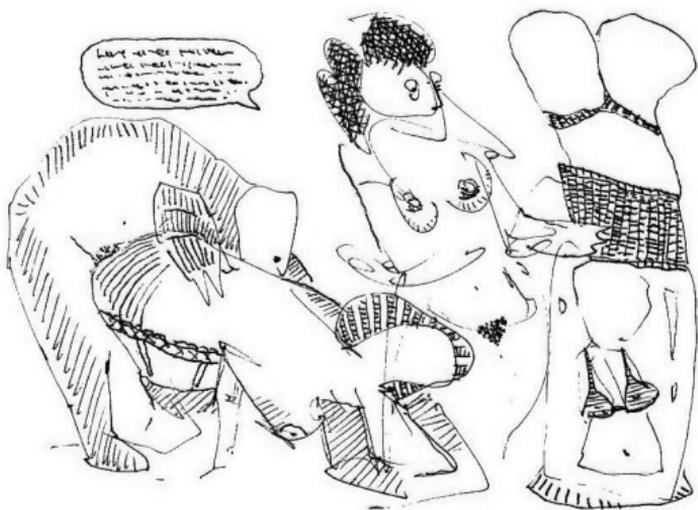


POESIAS PORNOGRÁFICAS

Organização:
William Galdino
Barateza Duran

Ilustrações:
William Galdino
Iuri Casares

Rio de Janeiro
2012



Evocação a Príapo

Evoé, deus Príapo

Assuste as ninfas nas matas.

Dê a nós, homens-traça,
comedores de páginas de livros,
corpo de perfeita arquitetura,
com todas as belezas possíveis.

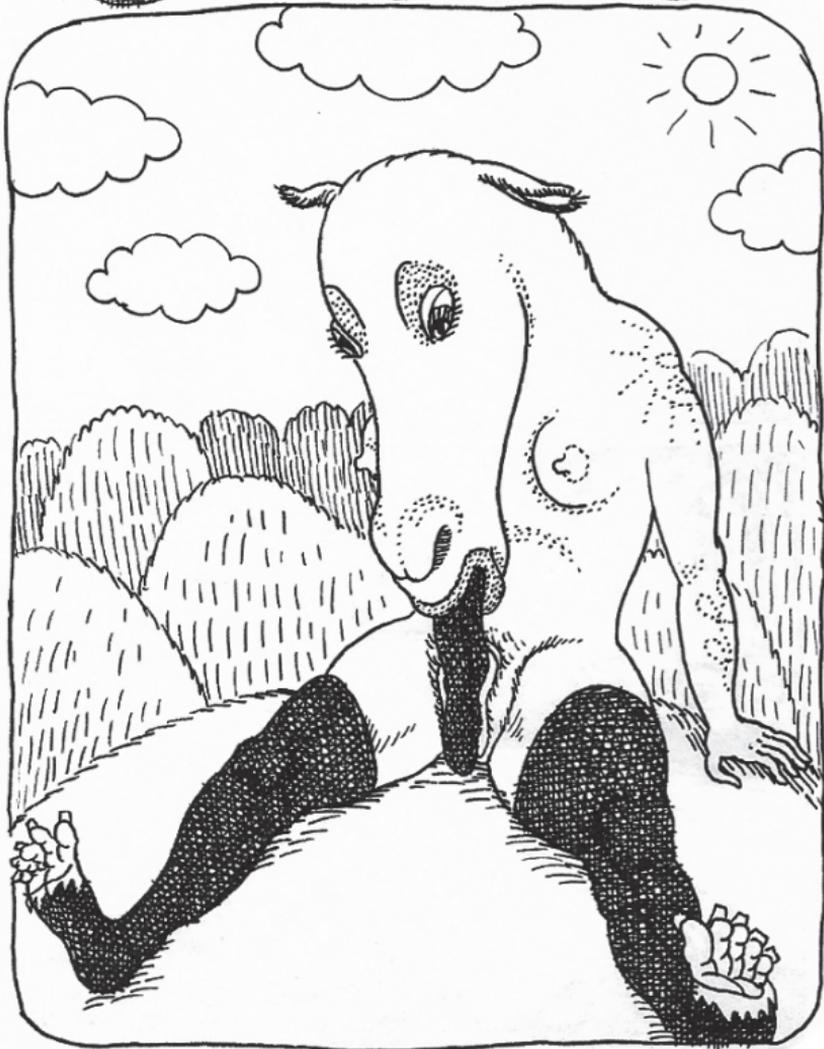
Parca a matéria-prima,
iluda os olhos com miragens,
para que sejamos irresistíveis.

Dê-nos gozos demorados
para que sejam esquecidas
rugas, manchas de pele,

bulas, farmácias e asilos
que nos oferta a velhice.
Livre-nos do mijo nas calças,
das quimioterapias e escleroses.
Quando chegar o enfado,
dê-nos o prêmio da morte limpa e súbita.
Insufle o sangue em nossas veias,
de forma tal que o músculo, sempre teso,
esteja a contento de nossas mulheres,
para que , exaustas e satisfeitas,
elas ignorem os moços que passam.
Agora, que a juventude arisca se afasta,
mantenha-nos assim: sedentos e tarados.

Donizete Galvão
(1955 -)

୧୨୩୪୫୬୭୮୯୧୦



A cópula

Ela toma-o na boca e morde-o. Incontinênti,
Não pode ele conter-se, e, de um jacto, esporrou-se.
Não desarmou porém. Antes, mais rijo, alteou-se
E fodeu-a. Ela geme, ela peida, ela sente

E titilando-a nos mamilos e no rabo
(Que depois irá ter sua ração de porra),
Lhe enfia cona adentro o mangalho até o cabo.

Depois de lhe beijar meticulosamente
O cu, que é uma pimenta, a boceta, que é um doce,
O moço exhibe à moça a bagagem que trouxe:
Colhões e membro, um membro enorme e turgescente.

Que vai morrer: – “Eu morro! Ai, não queres que eu morra?!”
Grita para o rapaz que, aceso como um diabo,
Arde em cio e tesão na amorosa gangorra

Manuel Bandeira
(1886-1968)

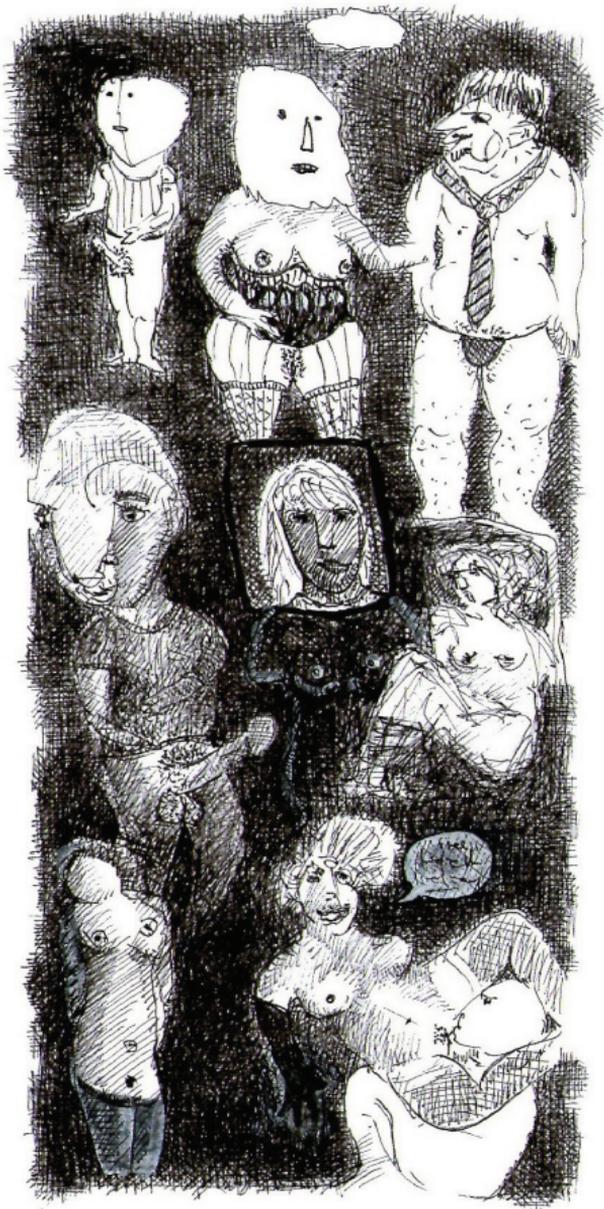
“Nunca tç foram ao cu...”

Nunca te foram ao cu,
Nem nas perninhas, aposto!
Mas um homem como tu,
Lavadinho, todo nu, gosto!

Sem ter pentelho nenhum,
Com certeza, não desgosto,
Até gosto!
Mas... gosto mais de fedelhos.

Vou-lhes ao cu,
Dou-lhes conselhos,
Enfim...gosto!

Antônio Boto
(1902-1959)



Poema da buceta cabeluda

A buceta de minha amada
tem pêlos barrocos,
lúdicos, profanos.
É faminta
como o polígono das secas
e cheia de ritmos
como o recôncavo baiano.

A buceta de minha amada
é cabeluda
como um tapete persa.
É um buraco negro
bem no meio do púbis
do Universo.

A buceta de minha amada
é cabeluda,
misteriosa, sonâmbula.
É bela como uma letra grega:

é o alfa-e-ômega dos meus segredos,
é um delta ardente sob os meus dedos
e na minha língua
é lambda.

A buceta de minha amada
é um tesouro
é o Tosão de Ouro
é um tesão.
É cabeluda, e cabe, linda,
em minha mão.

A buceta de minha amada
me aperta dentro, de um tal jeito
que quase me morde;
e só não é mais cabeluda
do que as coisas que ela geme ao meu ouvido
quando a gente fode.

Braulio Tavarês
(1950-)



Soneto VI

Não lamentes, oh Nise, o teu estado:
Putas tem sido muita gente boa;
Putíssimas fidalgas tem Lisboa,
Milhões de vezes putas têm reinado:

Dido foi puta, e puta dum soldado;
Cleópatra por puta alcança a c'roa;
Tu, Lucrecia, com toda a tua proa,
O teu cono não passa por honrado:

Essa da Rússia imperatriz famosa,
Que ainda há pouco morreu (diz a Gazeta)
Entre mil porras expirou vaidosa:

Todas no mundo dão a sua greta:
Não fique, pois, oh Nise, duvidosa
Que isto de virgo e honra é tudo peta.

Manuël Maria Barbosa du Bocage
(1765-1805)

A outra fræira,
que satirizando a dælgada fisionomia
do poeta lhæ chamou Pica-flor

Se Pica-flor me chamais,
Pica-flor aceito ser,
Mas resta agora saber
Se no nome, que me dais,
Meteis a flor, que guardais
No passarinho melhor!
Se me dais este favor,
Sendo só de mim o Pica,
E o mais voso, claro fica
Que fico então Pica-flor.

Grægório de Mattos, o “Boea do Inferno”
(1636-1695)



Soneto CLXXIV

Diálogo entre um penitente frizático
e um confessor casmurro.

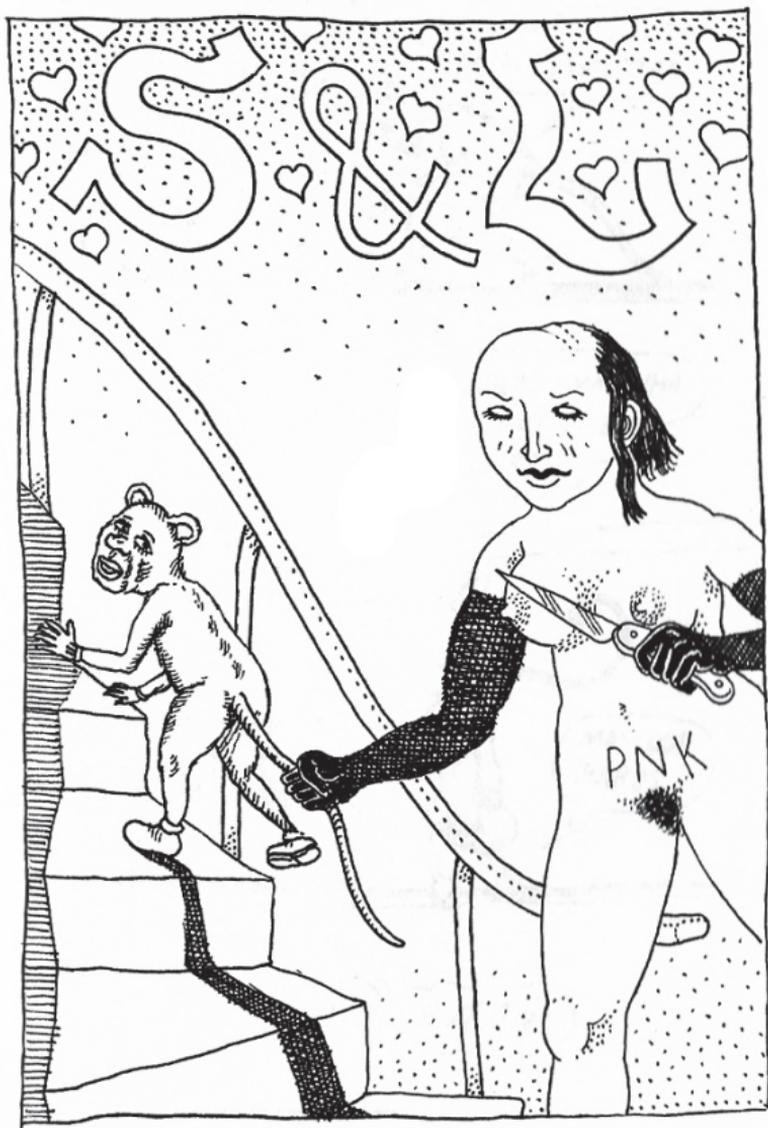
A um fradalhão bojudo e rabugento
Seus crimes confessava um desgraçado,
E entre eles dizia ter pecado
Com uma santa freira num convento:

Grita o frade: “ Não tardam num momento
Raios mil, que subvertam tal malvado;
Que as esposas de Cristo há profanado
No santo asilo seu, casto aposento!

Ora diga, infeliz, como ousaria
Tal crime confessar, e ações tão brutas
A Jesus Cristo, lá no extremo dia?”

“ Padre, deixemos pois essas disputas;
Se ele me perguntasse, eu lhe diria:
Quem vos manda, senhor, casar com putas?”

Antônio Lobo de Carvalho, o “Lobo de Madraga”
(1730?-1787)



Soneto 287 utópico

No fundo, o grande sonho masculino
é conseguir chupar a própria tora,
coisa que o chimpazé faz toda hora,
e o homem tenta, em vão, desde menino.

Seja porque seu membro é pequenino,
ou porque o corpanzil não colabora,
o fato é que o machão lamenta e chora
o irônico, anatômico destino.

Parece que a utopia nua e crua
resume-se numa autofelação,
quem sabe a autofagia, que jejua...

O jeito vem a ser masturbação,
e o sonho sensual se perpetua,
enquanto a mulher crê que dá tesão...

Glauco Mattoso
(1951-)

XLII – Tino Cu'mercial

Sagaz advogado sem dinheiro,
Que não levava a sério a profissão,
Pensou, e resolveu-se a ser bundeiro;
E pôs para render o seu bujão.

Fez fortuna no novo metiê,
Embora fose grossa a porcaria,
Pois s'engasgasse às vezes num buchê
De pratinhas de dois o bolso enchia.

E como ele era um moço inteligente
Pediú ao Lapisu, inda outro dia,
Que lhe fizesse um cu sobressalente.

E, de fato, era a única solução,
Pois lhe era tão grande a freguesia
Que um só cu não dava mais vazão...

Jagmç Santos Neves
(1909-1998)





A talentosa Dirinha

Dirinha no auge de sua mocidade
vai de vinho pra ficar mais a vontade

até a última gota no gargalo.

Depois já sentindo a embriaguez
e com o vinho escorrendo sobre os peitos
a garrafa ganha nova utilidade

vai e vem
entre e sai
-só na buceta-
com uma mão na garrafa
e outra na rola (que recebe fino trato na chupeta)
a sacana pede
grita
toda em brasa

“Quero pica
quero pica
e quero agora”

De imediato seu pedido é atendido
E na xereca quentona e molhada vai levando marretada de
[caceta.

Vira
 lambe
 chupa

sentasobedesce
de lado
pra cima
de ponta-cabeça

a boneca não tem pudor de nada
satisfação garantida ...

puro talento e eficiência.

André Luis Pontes
(1982-)

Challenger of the Borrowers



Inebriante

Era virgem.

Até que, no limite,

Explodiram-lhe os hormônios.

Que libido resiste

Aos doces demônios

Clamando por sexo?

A primeira estocada

Abriu-lhe, dolorosa,

Os grandes lábios, inchados;

Tímida mas ferosa

Gozou como se em guerra.

Estocou no ventre o fértil leite

Do macho que lhe fodeu

À alta madrugada;

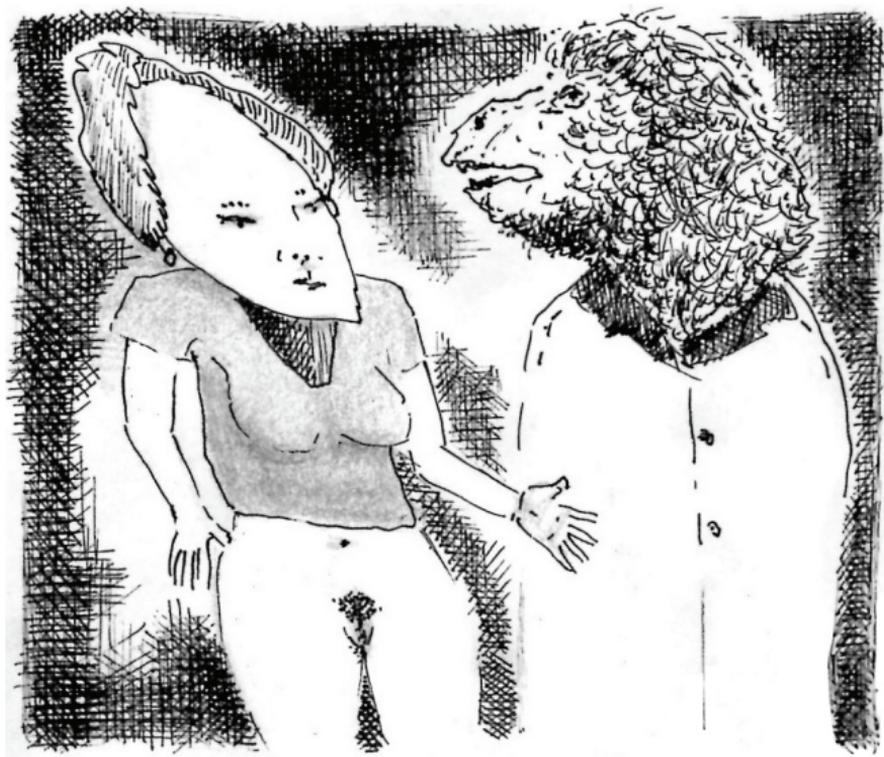
E as gotas que lambeu

Da quente rola, já cansada -
As poucas que sobraram.

Fêmea inebriante,
Linda mulher e já completa,
Os bagos roçando-lhe as nádegas,
Cadenciando a foda seleta
Dos gozosos e amantes seres,
Ofegantes nos tantos prazeres
Da cópula, de amor repleta.

Já sem ar deitou-se, jeitosa,
Acomodou-se no peito parceiro,
Suspirou com uma graça felina
E fez-se um sonho fagueiro -
Total triunfo da Natureza,
Fêmea fodida feliz,
Em sua voluptuosa beleza.

Isaac Frzdzgrico
(1978-)



Cantiga

Certa menina muito galante
Fez a punheta ao seu amante.

Foi numa sala de grande luxo
Que a delambida caiu no buxo...

O felizardo, com ar de sono,
Sem mais aquela, palpou-lhe o cono.

A delambida, mostrando a greta,
Disse, arredia: - Se quiser meta...

As calças ele desabotoa
E mostra a coisa... Que coisa boa!

Ela as mãozinhas põe no caralho...
- “Sacode, aperta” - diz-lhe o bandalho.

Começa a história, dando risadas,
Com as mãozinhas logo esportadas...

Se o pai soubesse da putaria
Desse brinquedo não gostaria.

Se a mãe soubesse da vil punheta,
Preferiria que desse a greta!

E ela dizia, depois, sem sono:
Porra nos dedos...dedos no cono!

Múcio Teixeira
(1857-1928)



A Rainha careca

De cabeleira farta
De rígidas ombreiras
De elegante beca
Ula era casta
Porque de passarinha
Era careca.

A noite alisava o monte lisinho
Co'a lupa procurava
Um ténue fiozinho
Que há tempos avistara.
Ó céus! Exclamava.
Por que me fizeram
Tão farta de cabelos
Tão careca nos meios?
E chorava.
Um dia...
Passou pelo reino
Um biscate peludo
Vendendo venenos.
(Uma gota aguda
Pode ser remédio
Pra uma passarinha
De rainha.)
Convocado ao palácio
Ula fez com que entrasse
No seu quarto.

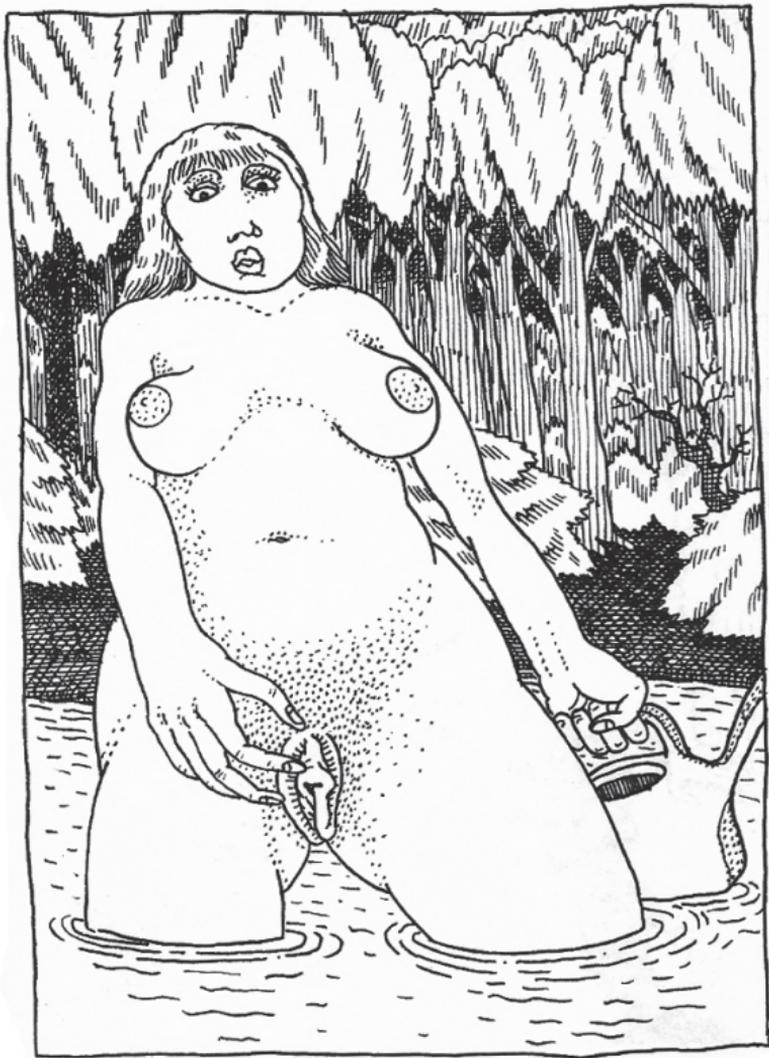
Não tema, cavalheiro,
Disse-lhe a rainha
Quero apenas pentelhos
Pra minha passarinha.
Ó senhora! O biscate exclamou.
É pra agora!
E arrancou do próprio peito
Os pêlos
E com a saliva de ósculos
Colou-os
Concomitante penetrando-lhe os meios.
UI! UI! UI! gemeu Ula
De felicidade
Cabeluda ou não
Rainha ou prostituta
Hei de ficar contigo
a vida toda!
Evidente que aos poucos
Despregou-se o tufo todo.
Mas isso o que importa?
Feliz, mui contentinha
A rainha Ula já não chora.

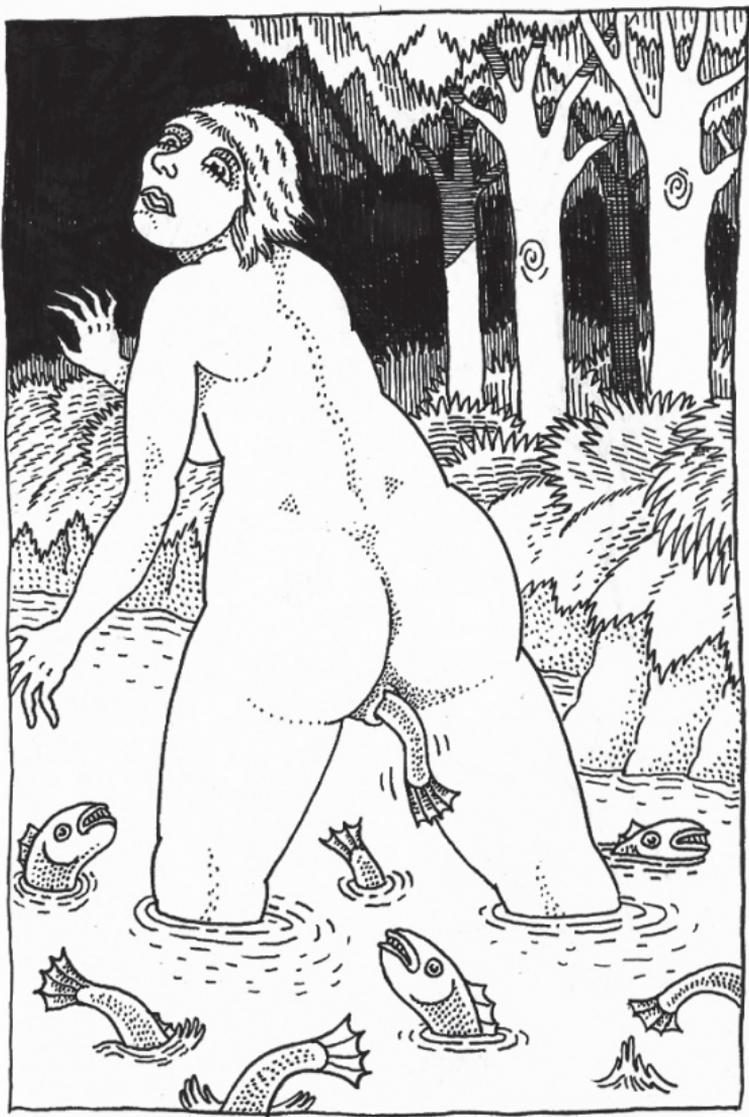
Moral da história:
Se o problema é relevante,
Apela pro primeiro passante.

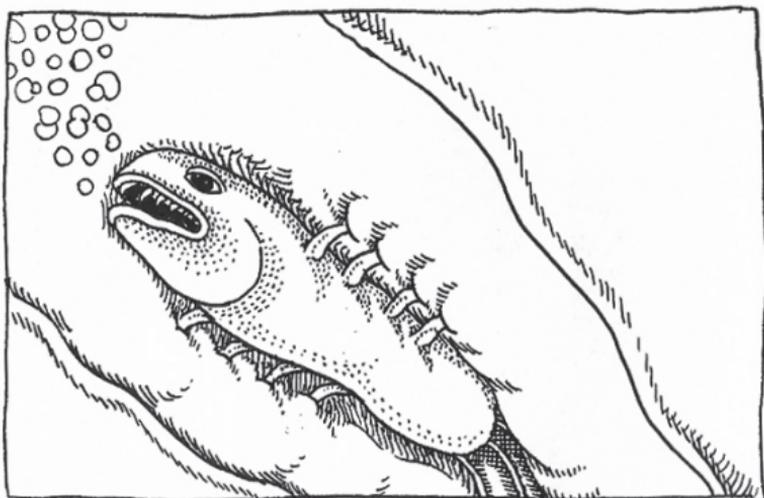
Hilda Hilst
(1930-2004)

Challengers of The Unknown









Diálogo entre mim e uma jovem, que passava por donzela, e cujo cabaço andava sabê Deus por onde.

Eu - “Eugênia! Vamos nós muito em segredo,
Já que todos lá dentro estão dormindo,
Gozar no campo do luar tão lindo,
Deitadinhos debaixo do arvoredor?”

Eug. - “Oh! Quem me dera! Mas...eu tenho medo,
Porque pode a mãezinha estar ouvindo...”

Eu - “Qual mãe, qual nada: vamos já saindo.
Previne a escrava; voltaremos cedo.

Eugênia! quer você ...mas...com cautela...”

Eug. - “Eu não...Jesus!...” Contudo a tal deidade
Nem no cu de cagar era donzela.

Fornicamos três horas, à vontade;
A putinha - com cio de cadela,
E eu - com cio e tesão de burro ou frade.

Francisco Moniz Barreto
(1804-1868)



Motę

*A mulata quando fode,
Parece querer voar!*

Glosa

Não há máquina que mais rode,
Tão ligeira e tão sutil,
Como seja no Brasil
A mulata quando fode.
Segure-se bem quem pode
Quem com ela fornicar,
Que a mulata a rebolar
Com o vento dos colhões,
Toma certos furacões
Parece querer voar!

Laurindo Rabęlo, o “Poęta-Lagartixa”
(1826-1864)

Sem que eu pedisse, fizeste-me a graça
de magnificar meu membro.

Sem que eu esperasse, ficaste de joelhos
em posição devota.

O que passou não é passado morto.

Para sempre e um dia

o pênis recolhe a piedade osculante de tua boca.

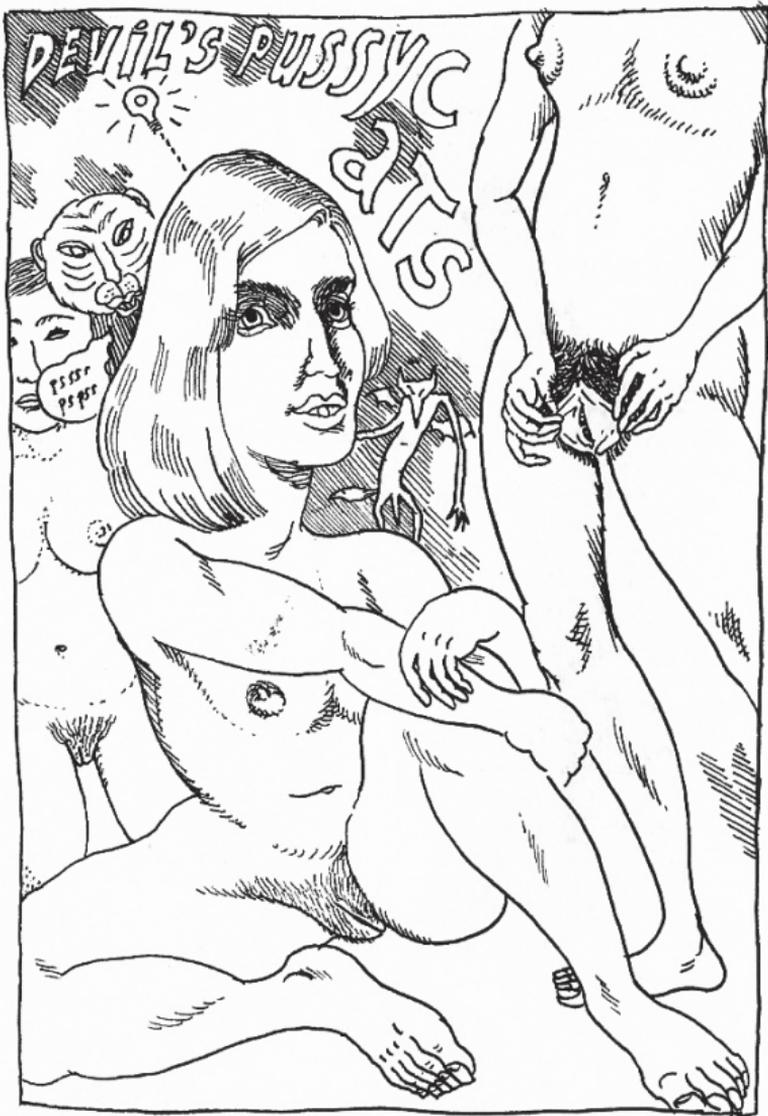
Hoje não estás nem sei onde estarás,
na total impossibilidade de gesto ou comunicação.

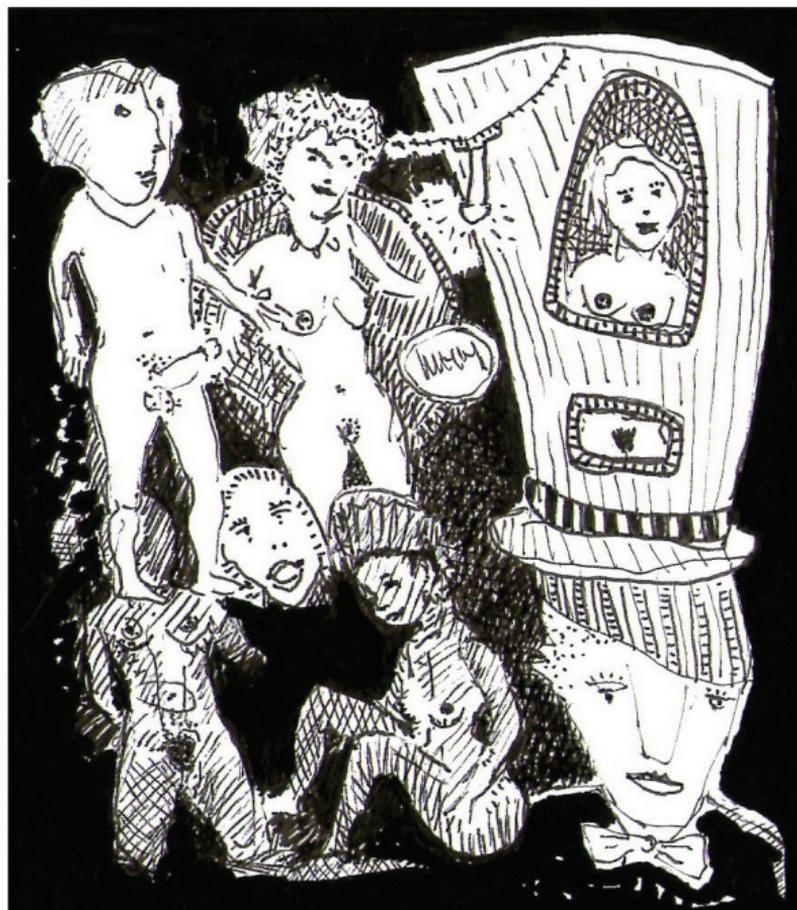
Não te vejo não te escuto não te aperto
mas tua boca está presente, adorando.

Adorando.

Nunca pensei ter entre as coxas um deus.

Carlos Drummond de Andrade
(1902-1987)





CXVII – Versos íntimos

Vês?! De que te serviu tamanho nabo
E esse par de colhões, tão volumoso?
Somente o meu caralho - esse guloso -
Foi amigo sincero do teu rabo.

Acostuma-te sempre ao meu peru.
O putto que, no mundo miserável,
Mora entre machos, sente inevitável
Necessidade de tomar no cu.

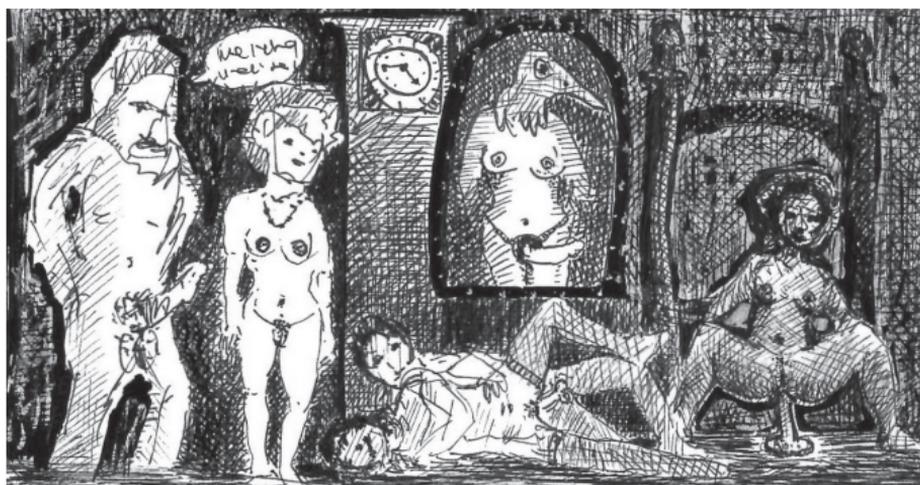
Toma um ovo. Segura esta pichorra.
A foda, amigo, é a véspera da porra.
O pau que fode é o mesmo que esporra.

Se acaso no teu cu dei algum talho,
Peida no pau a tít'lo de desforra
E caga na cabeça do caralho.

Paulo Vellozo
(1909-1977)

Sumário

Donizete Galvão - 11
Manuel Bandeira - 14
Antônio Boto - 16
Braulio Tavares - 18
Manuel Maria Barbosa du Bocage - 21
Gregório de Mattos, o “Boca do Inferno” - 22
Antônio Lobo de Carvalho, o “Lobo da Madraga” - 24
Glauco Mattoso - 26
Jayme Santos Neves - 27
André Luís Pontes - 31
Isaac Frederico - 33
Múcio Teixeira - 37
Hilda Hilst - 39
Francisco Moniz Barreto - 45
Laurindo Rabelo, o “Poeta Lagartixa” - 47
Carlos Drummond de Andrade - 48
Paulo Vellozo - 51





presença



